

ONDE NASCEU
Hospital Santa Lúcia, na Asa Sul

ORIGEM FAMILIAR
pai maranhense, mãe mineira

LEMBRANÇA DE INFÂNCIA
“Das brincadeiras no playground do Parque da Cidade e na SQS 311, onde moravam meus tios.”

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA
Da Catedral e da Esplanada dos Ministérios. “A Esplanada dos Ministérios resume a relação que Brasília tem com o poder”

Geração de SERVIDORES

Carlos Ferreira é filho de funcionário público, já estudou em escola particular e hoje trabalha na Funasa, órgão do governo federal. Ele acredita que a profissão deve ser valorizada porque é fundamental para a sociedade

SOLANO NASCIMENTO

DA EQUIPE DO CORREIO

Um bando de meninos pega uma pedra e, na calçada de concreto, riscas os traços de uma pista de automobilismo. Incrementa com desenhos de obstáculos e dispõe sobre ela tampinhas de garrafa que representam os carros de corrida. A disputa começa e cada um dos donos dos “veículos” tem direito a dar três toques de cada vez em sua tampinha, sem sair da pista. O primeiro a chegar ao final é o campeão.

É essa imagem que remete o funcionário público Carlos Henrique Bessa Ferreira, 34 anos, aos dias felizes da infância na capital federal. “Acho que só aqui em Brasília tinha isso”, diz. “Havia até campeonato.” Filho de dois migrantes que vieram na juventude para a cidade, Ferreira se criou entre tampinhas velozes e jogos de futebol no Guará, onde vive até hoje. Seu pai, José Humberto Bernardes Ferreira, era cobrador de ônibus da TCB e foi dentro de um coletivo que se encantou por Dolores, com quem casaria.

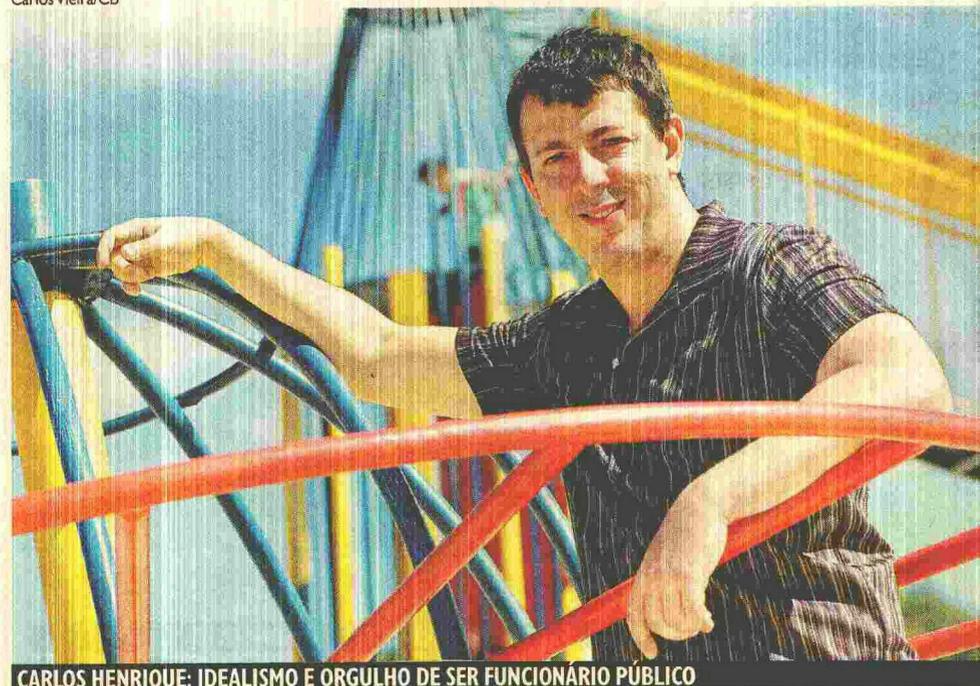
Antes de trabalhar como servidor, Carlos Ferreira foi um grande usuário do serviço público. Começou os estudos no Centro 4, do Guará 1, e seguiu sempre na rede pública até o

curso de geografia da Universidade de Brasília. Passou a primeira fase da adolescência indo ao cinema e frequentando festas em casas de amigos. “Depois que eu fiquei mais velho, o divertimento foi se sofisticando”, lembra. Essa sofisticação o levou a se divertir na Zoom, a famosa boate que agitou os anos 1980 no Gilberto Salomão. “A gente voltava para casa de madrugada, sem medo”, diz saudoso.

Foi ainda na adolescência que Carlos Ferreira viu o pai trocar o trabalho de cobrador por uma vaga na lavanderia do Hospital de Base, se tornando assim o primeiro funcionário público da família. José Ferreira permaneceu no hospital até se aposentar, o que acabou sendo um incentivo para o filho ingressar no serviço público. “A questão da estabilidade foi um estímulo”, conta Carlos Ferreira.

No começo da faculdade, quando trabalhava no BRB como contratado de uma empresa terceirizada, fazendo cópias, ele resolveu prestar um concurso para o Ministério da Educação. Passou, mas acabou sendo chamado para a Fundação Nacional de Saúde (Funasa), onde está há 12 anos. Primeiro atuou na publicação do boletim interno da fundação, e hoje está na coordenação de recursos humanos. Ingressou assim numa categoria gigante na capital. A Relação Anual de Informações Sociais (Rais) de 2005, a última disponível, de-

Carlos Vieira/CB



CARLOS HENRIQUE: IDEALISMO E ORGULHO DE SER FUNCIONÁRIO PÚBLICO

tectou já naquele ano a existência de 386,1 mil trabalhadores na administração pública direta e em autarquias no DF.

Não perdeu o idealismo e o orgulho dos primeiros anos. “A função de servidor público é uma das mais dignas que existe”, afirma. “O servidor está inserido em quase todos os serviços básicos, o que inclui hospitais, saneamento, colégios.” É com esse mesmo orgulho que ele lembra ser a Funasa responsável por áreas importantes como o combate a endemias, saneamento e a saúde dos índios, “excluídos e os primeiros habitantes do país.” Carlos Ferreira lamenta que muita gente não reconheça essa relevância do serviço público. “Existe uma falta de consciência da sociedade e de valorização por parte do governo da importância do trabalho do servidor.”

Mesmo assim, Carlos Ferreira não pensa em mudar de profissão e nem em deixar a cidade que reúne milhares de servidores públicos. “Gosto muito de água, como todo o brasileiro, gosto de viajar, de ir para o litoral, mas não penso em me mudar daqui. É uma questão de amor, mesmo”, diz o servidor. “Acho que Brasília é a única cidade do mundo em que a gente está no centro, em um lugar superabitado, e anda menos de um quilômetro e já chega a um local sossegado, com verde, onde pode sentar e sentir como se estivesse em uma cidade do interior.”